

S. Lúcia aprende o "jeitinho"

O ministro da Saúde da República de Santa Lúcia, Allan Bousquet, esteve no Brasil esta semana - incluindo uma longa visita ao Pará a fim de aprender como a população do País pode se arranjar com serviços de saúde básica e sanitária, sem que o Estado providencie tudo para ela.

Segundo seu relato ao ministro Arcorverde, a experiência que obteve só como que viu e anotou valeu a viagem ao Brasil e mais de 20 anos de banco de escola. Pouco depois ele disse, em entrevista, que em Santa Lúcia, há mais de dois anos, o Estado fornece gratuitamente à população todos os serviços médicos, odontológicos e sanitários e que já é tempo de seus habitantes aprenderem a se arranjar um pouco, sozinhos.

Allan Bousquet informou que a República de Santa Lúcia, um ponto no mapa entre as ilhas do Caribe, com 120 mil habitantes, tem 25 médicos, 320 enfermeiras com formação profissional muito boa - tanto que acertam 98 por cento dos diagnósticos que fazem - e um "agente de saúde" (que são pessoas retiradas da comunidade, preparadas para o atendimento médico e envolvidas à comunidade) para cada 1.300 habitantes.

Santa Lúcia, segundo seu ministro, tem 29 postos de saúde: "o mais distante faz uma pessoa andar menos de três milhas", disse ele. Cada centro de saúde, aparelhado para todo serviço de atendimento médico e odontológico, dispõe de uma residência para enfermeiras encarregadas, que ficam permanentemente no local. A República possui três hospitais, para os quais apenas são encaminhados os pacientes em estado grave.

Todas as epidemias são

"cortadas" preventivamente em Santa Lúcia. Quando o Governo recebe telegramas de comunicação de alguma epidemia em país vizinho, de uma organização internacional de saúde, por exemplo, imediatamente decreta a imunização de toda a população. E nesse trabalho, todo mundo vacina todo mundo, disse o ministro.

Santa Lúcia, segundo Allan Bousquet, não tem problemas sérios de doença. Alguns casos de gastroenterite, hipertensão e diarreia. No mais, a medicina na ilha é preventiva. Na área do atendimento médico, o grande problema é a falta de ambulância. Na área sanitária, o problema - e este é o maior do país - é o que fazer com o lixo.

No entanto, se não há grandes problemas ligados à saúde ou ao sanitarismo, a contenção de despesas estatais também atingiu a minúscula ilha do Caribe. Tanto que, além de examinar no Brasil as formas com que a população se arranja sem a ajuda oficial, o ministro fez questão de conhecer, em detalhes, como se pode baratear o tratamento odontológico e como se pode montar consultórios de baixo custo. Recebeu uma aula de como se faz o tratamento dentário no Nordeste, onde apenas uma sala de escola, 12 cadeiras dispostas duas a duas podem, eventualmente, se transformar em seis cadeiras de dentistas, em que dois odontólogos e algumas assistentes podem trabalhar com "equipamentos feitos no local com balde e bacias plásticas, compradas no comércio da cidade.

Disposto a mudar a mentalidade da população, "que pensa que tudo é responsabilidade do Governo", o ministro de Santa Lúcia abriu um convite a qualquer técnico brasileiro.